

Novos Dizeres

Ruy Póvoas

eall
arts
Editora da UESC



Novos
Dizeres



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

RUI COSTA - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

WALTER PINHEIRO - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO - REITORA

EVANDRO SENA FREIRE - VICE-REITOR

DIRETORA DA EDITUS

Rita Virginia Alves Santos Argollo

Conselho Editorial:

Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente

André Luiz Rosa Ribeiro

Andrea de Azevedo Morégula

Adriana dos Santos Reis Lemos

Evandro Sena Freire

Francisco Mendes Costa

Guilhardes de Jesus Júnior

José Montival de Alencar Júnior

Lúcia Fernanda Pinheiro Barros

Lurdes Bertol Rocha

Ricardo Matos Santana

Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti

Samuel Leandro Oliveira de Mattos

Sílvia Maria Santos Carvalho

Ruy do Carmo Póvoas



NOVOS
DIZERES

Ilhéus - Bahia



Editora da UESC

2016

Copyright ©2016 by RUY DO CARMO PÓVOAS

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional,
conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

PROJETO GRÁFICO
George Pellegrini
Álvaro Coelho

DIAGRAMAÇÃO E CAPA
Álvaro Coelho

REVISÃO
Maria Luiza Nora

FOTOGRAFIA DA CAPA
The Endless Enigma, Óleo - 144 x 144 cm - 1938 - Salvador Dali

ILUSTRAÇÃO INTERNA DO LIVRO
Alfred Darcel, Calice et patène de l'église de Saint-Jean-du-Doigt, 1860

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P879 Póvoas, Ruy do Carmo.
Novos dizeres / Ruy do Carmo Póvoas. –
Ilhéus, BA: Editus, 2016.
188 p.

ISBN 978-85-7455-418-1

1. Poesia brasileira. I. Título.

CDD 869.91

EDITUS - EDITORA DA UESC

Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028
www.uesc.br/editora
editus@uesc.br

EDITORA FILIADA À



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

À memória de
Zilda Santos
(Mãe Diolô Bidi)

Sumário

PREFÁCIO /	15
APRESENTAÇÃO /	23
APURAÇÃO /	24
AVISO /	25
BARRAVENTO /	29
BOFETADA /	30
CADUQUICE /	33
CARMA /	34
CATA-VENTO /	35
CATECISMO /	36
CENTENÁRIO /	37
CERTIFICADO /	38
COBIÇA /	39
CONSTATAÇÃO /	40
CONSUMIÇÃO /	41
CORRENTEZA /	42

DEFINIÇÃO / 45
DEMOCRATURA / 46
DESCOBERTA / 47
DESDITA / 48
DESEJO / 49
DESILUSÃO / 50
DESISTÊNCIA / 51
DESPEDIDA / 52
DESTERRO / 53
DESTINAÇÃO / 54
DESTINO / 55
DICIONÁRIO / 56
DISPUTA / 57

ECOLOGIA / 61
EGOLATRIA / 62
ELEIÇÃO / 63
ESCRITURA / 64
ETERNIDADE / 65

FACÉCIA / 69
FALA / 70
FATALIDADE / 71
FINAL / 72

GARIMPO / 75
GENTE / 76
GEOGRAFIA / 77
GEOMETRIA / 78

HERANÇA / 81
HIEROFANIA / 82
HILOMORFISMO / 83

IDENTIDADE / 87
ILUSÃO / 88
IMAGO / 89
IMORTALIDADE / 90
INCONSISTÊNCIA / 91
INDAGAÇÃO / 92
ISENÇÃO / 93
ITINERÁRIO / 94

JOGADA / 97
JURAMENTO / 98

LAVRATURA / 101
LEXICOLOGIA / 102

MAQUIAGEM /	105
MEDIUNISMO /	106
METÁFORA /	107
METALINGUAGEM /	108
METAMORFOSE /	109
MIM /	110
MINIMALISMO /	111
NATALISMO /	115
NÊNIA /	116
OBSERVAÇÃO /	119
OFERTÓRIO /	120
OXUM /	121
PEDRARIA /	125
PERDEDEIRA /	126
PERGUNTA /	127
PONTUAÇÃO /	128
PREOCUPAÇÃO /	129
PREPARATIVO /	130
QUEIXUME /	133
QUERENÇA /	134
QUESTIONÁRIO /	135

REGIME / 139
REJEIÇÃO / 140
RELACIONAMENTO / 142
RETORNO / 143

SAGITÁRIO / 147
SEGURANÇA / 148
SENTENÇA / 149
SIMPLICIDADE / 150
SINETE / 151
SONHADEIRA / 152

TABOCAS / 155
TAURINO / 156
TEMPORAL / 157
TESTAMENTO / 158
TOC / 159
TRAÍÇÃO / 161
TRILOGIA / 162

UPLOAD / 165
URDIDURA / 166

VERBETE / 169
VEREDITO / 170
VISÃO / 171

XENOFOBIA / 175

XODÓ / 176

ZARANZA / 179

ZÊNITE / 180

ZONZEIRA / 181

ZUMBAIA / 182

DICIONÁRIO
DO DICIONÁRIO / 185



Novos
Dizeres



TOME E LEIA

(*Apocalipse. 10: 9*)

O ato de fazer um poema é exigente.
Cobra muito caminhar.
Não é apenas saber lidar com as
palavras. Por aí passa também o
processo da intuição. Ele é tão mais
eficaz, se quem o elabora for uma
antena afiada,
capaz de captar as dores e os sorrisos do
mundo,
a alma humana, os desvãos de quem
estiver na existência.
Mas isso só não basta. Ainda tem
o estilo. Ele carrega as saliências e
reentrâncias
do viver, da formação e das escolhas de
quem escreve poemas.
Muito mais que tudo isso, ainda tem o
dom artístico.
E ele varia tanto de pessoa para pessoa.
Quanto a mim, sempre caminhei por
simultâneas sendas, trilhas e estradas:
o ensino, a escrita, o terreiro. Em cada
viagem sou um,
sem deixar de ser os outros dois. Aí,

meu trabalho com as letras,
às vezes, é mesmo duro, porque traz
memórias da ancestralidade africana,
até mesmo com a vontade de cantar e
contar.

Outras vezes, o meu Nordeste se avulta,
e o cordel lança seus dardos,
querendo aparecer. Mas aquele lado
professor, sem querer ser professoral,
nunca deixa de pôr as manguinhas de
fora também.

Barafunda?

Não. Decididamente, não. Nada é
escrito aleatoriamente,
apenas não padeço de angústias em
busca da perfeição.

A rima é compulsória, enquanto o
ritmo mora em mim.

Pois que eles se imponham e reinem
absolutos sobre meus versos.

Talvez, assim, possa agradar a uns,
retratar outros,

ou fazer alguém viajar por seus
meandros,

sejam eles ocultos ou declarados.

Eis aqui algo parecido com um
dicionário.

As portas das entradas lexicais se
constituíram verdadeiro desafio.
Umhas estavam escancaradas. Outras,
apenas encostadas.
Houve aquelas, no entanto, que
precisaram ser arrombadas.
Que meu verso se pareça com um gesto
de cafuné,
sem a intenção de mudar o mundo,
mas com um desejo de incentivar
pessoas
a entender melhor como o mundo é.
E em mim, a gratidão por saber que
alguém leu.
Principalmente, saber que gostou.

Ruy Póvoas

Março, 2016.

ajalah@uol.com.br

Em homéricas pulsões,
a vida se constrói
para continuar latejando,
se reinventando,
em cada um de nós.



APRESENTAÇÃO
APURAÇÃO
AVISO

APRESENTAÇÃO

Que o texto meu
seja mais importante
do que eu.

Que o meu verso
fale de você,
e não de mim.

Que o meu poema
seja princípio
e não, fim.

Que o meu dizer
brade que estamos
todos indignados.

Por isso, o mundo
deve se revoltar
ante a indiferença.

APURAÇÃO

O responsável é Fulano!
Eu?! Que nada...
O culpado é Beltrano.
Eu mesmo, não;
o causador é Sicrano.
Senhor, se assunte:
o culpado é Tirano.
E você tome cuidado,
mesmo que seu nome
também não termine em -ano.

AVISO

Os mais-velhos se juntaram
e mandaram nos dizer
do perigo que corremos
neste século festejado,
por tanta coisa necessária
que deixamos de fazer.
Mandaram avisos também
do perigo abismal,
do reinado da *Sombra*
que chega para ficar
nos milhares de esquecidos,
deserdados da mesa,
rejeitados pela mãe,
esquecidos pelo pai,
barrados na escola,
expatriados do lar.



BARRAVENTO
BOFETADA



BARRAVENTO

Dani se juntou com Ela,
fizeram uma Daniela
no fogo do *bambará*.
Daniela foi chegando
em barraventos de fogo,
na trupe *ki zupe* de Oyá,
num sagitário encantado,
fazendo as pedras falar.

Pegou uma taça bonita,
encheu do vinho da vida
e ergueu nos ares do mundo,
oferecendo de pronto
ao céu, à terra e ao mar

Bebeu a sua metade,
a outra nos ofereceu,
e lá vamos nós às carreiras,
com Daniela a girar.
Somos cobras enroscadas
no ouro de um caduceu.
Ela já vai receber,
no Terreiro da Bahia,
a *kuya* do seu *deká*.

BOFETADA

De protesto em protesto
de falas e escrituras,
no confronto eterno e insano
da conquista de um lugar,
sob um sol que tem seu dono.

De pregação e mão sem arma,
com a memória do vivido,
com a história do sonhado,
boca amarga e abandono.
Mas afinal, compreendeu
como é dura esta gincana,
pois a luva europeia
não cabe na mão africana.





CADUQUICE
CARMA
CATA-VENTO
CATECISMO
CENTENÁRIO
CERTIFICADO
COBIÇA
CONSTATAÇÃO
CONSUMIÇÃO
CORRENTEZA

CADUQUICE

Olhe a cobra, minha gente!
Por onde essa cobra entrou?
Traz a vassoura, Maria!

Gritaria pela casa,
corre-corre, estampido,
alvoroço e pavor.

Mas a neta entendeu tudo,
gritou bem alto: “Mamãe,
vovô se urinou!”

CARMA

Esta cidade
me fere,
este tempo
me dilacera,
esta carreira
me contorce
as entranhas.
Espasmos
de um transe
oriundo do retorno.
E meus contornos
se estremecem,
se esfumam,
formam brumas,
me derrubam,
e eu fico assim.

CATA-VENTO

brisa

terral

viração

tempestade

afefé

furacão

CATECISMO

O primeiríssimo altar
foi a pobre manjedoura,
onde o Cristo repousou.
O último foi o madeiro,
onde ele, finalmente,
a existência descartou.

Mas tem gente equivocada,
fazendo altar de ouro,
imaginando que o Cristo
finalmente reconhece
um sacrossanto lugar
para receber o louvor.

Entoam-se hinos e glórias,
declamam-se aleluias,
esquecendo que ao povo
falta o pão nosso na mesa
e não tem farinha na cuia.

Jogaram fora a manjedoura,
se esqueceram da cruz,
exibem altar de ouro
com o brilho que seduz.



CENTENÁRIO

De primeiro,
se amava,
se apreciava a lua
na madrugada serena,
se distraía na rua.
A água que se bebia
brotava do limpo chão.

Na cidade centenária,
a gente só sente medo,
se esconde nas cadeias
das casas particulares,
a rua fica vazia
a lua fica sozinha
e corre sangue pelo chão.

CERTIFICADO

Há uma fala proclamada,
uma linha bem tracejada,
uma viagem planejada,
uma tarefa reservada,
um encargo prometido.

Há um touro remoendo
e uma flecha disparada
no mapa do meu destino,
nas falas dos ancestrais:
vontades lá de cima.

E no alto do meu céu,
o tridente de Netuno
todo enfeitado de sonhos,
fincado na terra Virgem
Morena da Conceição.

Lá, na ponta do caminho,
uma trilha, única cor.
E vou andando, vou buscando,
percorrendo o caminho
que minha escolha desenhou.

COBIÇA

Lá vem ele,
mas o olho chega antes dele.
E só vê o pouco de cada um
como um oceano,
para ele se afogar,
com prazer e alegria,
tomando o que não é seu,
custe o que custar.
Arruda e salsa,
credo em cruz,
meu Jesus, ave-maria!
Deus é mais forte,
valei-me, Oxalá!

CONSTATAÇÃO

Com esperança, tracei
um círculo no riscado
do meu chão.
Alegre, na partida;
ressabiado, na chegada,
com retorno ao ponto inicial.
No centro, capelas de ondas,
muitos sonhos, algumas risadas.
Ao redor, praias de longes,
olhos cansados, um grande nó.
E na garganta, o fogo
queimando verbos
que brotam do latejo
do coração.
Às vezes, dói...

CONSUMIÇÃO

Dora, minha gata de estimação,
olhou pra mim e perguntou
o que eu estava fazendo
com aquele papel na mão.
Papai está fazendo um poema,
minha sina neste chão,
mas fique tranquila da vida,
pois os gatos estão livres
desta ingrata consumição.

CORRENTEZA

O rio cortando a cidade,
a cidade rompendo os homens,
os homens todos correndo,
em busca do frio chão.
O chão todo asfaltado
o transeunte assaltado,
o espírito sobressaltado:
doentes do coração.
A terra contaminada,
o rio todo cremoso,
a cidade, um calabouço,
morada virou cadeia
e gente indiferente
com cara de lobisOMEM.
Tudo isso começou
quando a cidade cresceu
esquecida da natureza
com a agonia dos homens.





DEFINIÇÃO
DEMOCRATURA
DESCOBERTA
DESDITA
DESEJO
DESILUSÃO
DESISTÊNCIA
DESPEDIDA
DESTERRO
DESTINAÇÃO
DESTINO
DICIONÁRIO
DISPUTA

DEFINIÇÃO

Olhar o que é dos outros
depende do olhador.
Para uns, pouco importa,
mas outras coisas
acontecem a quem ordenha.
A ambição quer também,
a cobiça quer tomar,
e a inveja não quer
que o outro tenha.

DEMOCRATURA

De vez em quando,
eu sinto
a cabeça piriricando.
Agora mesmo,
ela me perguntou:
O que será democracia?
Incontinentemente respondi:
cracia é governo,
e *demo* seria povo.
Fiquei assim, a esmo,
perguntando às criaturas.
Pois é: *demo*, agora,
perdeu o sentido grego;
é demônio mesmo,
e virou democratura.

DESCOBERTA

Quando eu fui embora
da Bahia,
uma dor doída
me feria.

Quando voltei
de Portugal,
vi com olhos arregalados:
derrubaram o matagal.

Quando entrei
na minha casa,
coração desta Bahia,
entre rosas descobri
o espinho que me feria.

DESDITA

Cansado da vigia,
batalhando, mourejando,
pelejando e não gemia.
Às vezes sede,
às vezes fome,
muitas noites de agonia.

Um dia não se ergueu,
a vida se finava,
o cansaço acabava,
a certeza que morria.
E morreu
sem despedida,
pois sabia:
esperar por quem se foi
aumenta a dor
e encurta a vida.

DESEJO

Não vem, nem na marra,
a cidade bonita
onde gostaria de viver.

Não vem, nem na marra,
o mundo de paz
onde queria viver.

Não vem, nem na marra,
a juventude perdida
que não queria esquecer.

Não vem, nem na marra,
o poema bem feito
que queria escrever.

Não vem,
nem na marra,
não vem...

DESILUSÃO

Apalpou as pernas, dizendo:
“Já abalaram Paris,
mas hoje são dois abacaxis.”

Reclamou com o espelho,
sentindo dor e gemeu:
“Essa, aí dentro, não sou eu.”

Entre tantos desencantos,
resolveu sair pra rua,
trespassada pela pua.

Na cidade, lhe disseram:
“Você está conservada, Maria.”
(Mais mentira que ironia).

Maria desenganada,
Maria desencantada,
desiludida Maria.

DESISTÊNCIA

Não desejo mais
vinte cinco anos
acrescidos aos tantos
que já vivi.

Apenas gostaria
que meu corpo voltasse
ao que ele era,
quando eu tinha vinte e cinco,
conservando meus setenta,
sem deixar de sempre rir.

O grande problema
é esse *gostaria*.
Não sei pra que inventaram
o futuro do pretérito.
Vade retro!
Cadê meu chá de *oriri*?

DESPEDIDA

O banquete da fartura
vai chegando a seu final.
Já é hora da sobremesa
e cantoria no quintal.
A vida, como sempre, colorida,
preta, branca ou amarela.
cor-de-rosa ou lilás,
delimitou as fronteiras
no princípio, lá, atrás.
Foi justamente por isso
(me disseram e acreditei)
que Manuel preferiu
ir embora pra Parságada,
onde já tem outra vida
e é amigo do rei.

DESTERRO

Qualquer roupa
veste o nu,
qualquer bocado
mata a fome
de um jejum de vários dias.
Qualquer afago acalenta
quem só vive fantasia,
e a esperança sustenta
o desatinado de dor,
mesmo em grande agonia.
Mas nada serve ao desterrado,
pela vida arrancado
dos braços de seu amor
com silêncios de geleira
e mudez de calmaria.

DESTINAÇÃO

Hoje, acordei
me sentindo um dinossauro
com milhões de toneladas
de memória ancestral
pesando em cima de mim.

A raiz no chão da África,
o Atlântico, um rio-mar,
e a senzala guardada
na lembrança dos de cá:
arquivos de quelônios,
esqueletos de dragões,
pegadas nos rochedos,
memórias pra conservar.



DESTINO

Viveu desigual dos outros,
igual a bicho, morreu.
Lhe foi negado
o amor suficiente,
e nem veio a compreensão.
O mundo abriu a boca,
arreganhou os dentes
e o devorou.
Impiedosamente...

DICIONÁRIO

A sabidília me disse:
Dicionário é um depósito
idiossincrático do léxico.
Gente! Que sofisticado
para anunciar o banal.
Calhamaço desusado
pela grande maioria
que não quer saber do suado.
É quando se pergunta o que é,
dizem com cara de pau:
é um livro muito pesado.

DISPUTA

Nunca se viu tanta finura
entre dois dialogantes,
como se vê bem patente,
entre Deus e aquele outro,
Promotor de Acusação,
no lindo Livro de Jó.

Na conversa entre os dois,
uma aposta veio a tona,
envolvendo o destino
de um homem rico e fervoroso
que fica pobre de repente,
da terra comendo o pó.

Apenas uma conversa
entre amigos que se dão,
lá, num céu muito distante.
Mas finalmente Deus provou
que a fala do Promotor
em nada nos compromete.

E a gente, cá embaixo,
discutindo sem razão.
Quando vamos aprender
que no dito samba de pombo
urubu nunca se mete?



ECOLOGIA
EGOLATRIA
ELEIÇÃO
ESCRITURA
ETERNIDADE

ECOLOGIA

Só existe agora
meio ambiente.
A outra metade
a gente acabou.
Tem gente demais
abraçando lagoa,
beijando coqueiro,
adorando passarinho,
queimando couro,
fazendo discurso.

Mas a fábrica produz
mil serras elétricas,
e o povo só vive
na compra de móveis
da mais pura madeira.

Creio que estão
trazendo arvoredos
de outros planetas.
Daí, tantos veículos
no espaço sideral.

O ambiente é inteiro,
e o homem sem entender
que ele é apenas mais um
no meio de tanto animal.

EGOLATRIA

O outro fala,
mas eu só ouço
compulsoriamente.
Suas palavras
não ultrapassam
a minha carapaça.
E se ultrapassar,
esbarram na dureza
da pedra do meu núcleo.
Então, igual à fera,
defendo o território
que é só meu
e o outro é um invasor.
Dito a verdade
que é minha,
e o outro, um impostor.
Imponho a minha crença
e o outro é um seguidor.
Ora, ouvir o outro
a quem não quero entender.
Como o outro posso ouvir
sem nem ouço a mim mesmo,
se não quero ser você?

ELEIÇÃO

Até às eleições
fica proibido
de chutar cachorro morto.
Corre-se o risco
de chutar um candidato
a cargo eletivo
do poder que é gostoso.

A cidade ficará
maquiada com frases
de uma fazer apocalíptico.
Com caras duvidosas
e promessas mentirosas
de falsos amigos políticos.

Salve-se quem puder.
Homem, menino e mulher
serão caçados noite e dia,
com tacape, arco e flecha,
com tarrafa e jereré.

Os que escaparem ilesos
vão sofrer do coração,
assistindo a contragosto
a um desfile de ladrão.

ESCRITURA

Dentro de mim mora um gato
que gosta de cochilar.

Depois que come, ele dorme,
estirado no sofá.

Fingindo sono profundo,
este meu gato manhoso
se alimenta de palavras
que ele costuma caçar.

Depois, pode ser imediato,
se levanta em aquecimento,
pula no chão tão desperto,
que parece não ter dormido
aquele cochilo gostoso.

Aí, as palavras-ratos
correm pra lá e prá cá,
com medo deste meu gato
enraçado com angorá.
Nenhum rato escapa à caça,
nem mesmo palavras difíceis,
dos botes que o gato dá.

ETERNIDADE

Existe uma eternidade
na duração de um minuto,
na vontade de quem ama
e ao ser amado rejeita;
de quem se sabe
e não se aceita;
de quem vai à cama
e não se deita;
na escuridão sufocante
de quem busca uma resposta;
de quem tem aquilo que não gosta;
de quem ganhou na loteria,
mas perdeu o bilhete da aposta;
de quem partiu para o lugar
aonde não queria chegar;
de quem foi expulso da terra
onde queria ficar;

de quem declarou um adeus
a quem queria se juntar;
de quem vê a morte chegando
sem a vida ter se cumprido,
e os planos tracejados
nos papéis esmaecidos.

É tempo que não mais acaba
nesse minuto infinito,
de silêncio feito em bronze,
de garganta em fogaréu
sufocando o próprio grito.

Mas não há bem que sempre dure
nem mal que nunca se acabe,
acabado esse minuto,
acabou-se a eternidade.



FACÉCIA
FALA
FATALIDADE
FINAL

FACÉCIA

Tudo o que me fazia
aquele apego a você
se sumiu,
se espalhou,
saiu de mim,
se dissolveu.

Quando eu quis,
você não quis.
Quem não quer agora
sou eu.

Não há mais
sábado botocudo,
nem domingo doloroso.
Já passei a acreditar
que praga de urubu magro
não mata cavalo gordo.

FALA

Querido ladrão,
sou trabalhador,
não tenho um tostão.

Querido assaltante
sou trabalhador,
em pobreza constante.

Querido político,
sou trabalhador,
meu salário é raquítico.

Querido Governo,
sou trabalhador,
não me tire o sossego.

Querido você,
sou trabalhador,
me deixe viver.

FATALIDADE

Antes
livre
liberto
solto

Depois
capturado
transladado
escravizado

Agora
rejeitado
diverso
cotizado

Amanhã
livre
liberto
finado

FINAL

Touro deitado
à sombra da mangueira,
esperando o pôr do sol.

Corpo cansado
descendo a ladeira,
descamba que faz dó.

Noite medonha
chegando devagar,
desfazendo o último nó.

Pano caído,
o teatro esvaziado:
finalmente, a grande mó.





GARIMPO

A mina é grande
e o mineiro faisqueia.
Cata aqui,
cata ali,
cata acolá,
girando a bateia
e lava o cascalho,
dobrado no meio.
Mas ele não sabe:
tem uma ganga
que ele não lava,
pois tudo depende
da vontade alheia.
Na faisqueira
da vida sofrida,
o dono da mina
comanda a peleia.

GENTE

Tudo está obnublado,
tudo está enfumaçado,
tudo está tão escondido.
Há governo em desgoverno,
há o povo sem ser povo,
há som alto e alarido.

Há gente que nem é gente,
zombando de tanta gente,
mentindo e enganando a gente,
produzindo muitos ais.
Mas é isso que se aprende:
se gente fosse gente,
não faria, nem em sonho,
aquilo que gente faz.

GEOGRAFIA

Hoje, me descobri
com prazer e alegria,
me vi voltando da busca
enquanto um bocado de gente
ainda pensava se iria.
Abri o surrão da vida,
achei meus registros notórios:
escalei minhas montanhas,
ultrapassei os meus mares,
viajei por entre ilhas
e dobrei meus promontórios.

GEOMETRIA

O verão laranja se despede
do céu de minha cabeça.
Maria foi embora
hoje, pela manhã.
As corredeiras de meu rio
fazem espelhos rasos d'água
nos meus olhos fundos
naquela linha horizontal
de alcance tão longínquo.
E vou juntando os cacos
de um viver obtusângulo
deste destino oblíquo.





HERANÇA
HIEROFANIA
HILOMORFISMO



HERANÇA

Condições materiais,
estruturas de poder
e relações de produção
se juntam para formar
mecanismos de ilusão.
Excluem e alienam,
nos fazendo padecer.
Depois fingem dividir
os lucros da derrama,
pedaços de nossas almas,
riqueza da enganação.

HIEROFANIA

Sob a cúpula de turquesa,
Ilhéus se espicha caprichosa,
toda bonita e toda prosa,
numa cama bem macia
de suas areias do mar.

Um morro mirando outro
e águas fluindo no meio,
igual a amante em alcova,
com receio de se mostrar.

Em cada outeiro uma igreja,
em cada morro um terreiro,
todos querendo louvar
Oxóssi, Senhor da Caça,
São Jorge, santo guerreiro,
Maria Mãe das Vitórias
nas águas de Iemanjá.

Mas por baixo do céu azul,
não há mais o cacauá.
Sem festa de sons e cores,
Gabriela já não tem amores,
cada qual sem cada qual.

HILOMORFISMO

Há muito tempo,
não choro,
mas neste domingo,
chorei,
olhando o sol
cheio de treitas,
brincando de se esconder.
Não me lembrei do passado,
nem recordei de você.
Apenas pensei no amanhã,
abrigo do que sonhei,
pois a vida já me ensinou
aquilo que não vou viver.



IDENTIDADE
ILUSÃO
IMAGO
IMORTALIDADE
INCONSISTÊNCIA
INDAGAÇÃO
ISENÇÃO
ITINERÁRIO

IDENTIDADE

Foram dizendo o que sou,
foram dizendo,
foram dizendo...
E quando abri os olhos,
já era o que diziam de mim,
mesmo sem eu ter sido,
muitas vezes tecido,
mas fui.
Deus é mais forte,
e a identidade também.
E de tanto poder que têm,
mandam até na nossa sorte.

ILUSÃO

Me disseram uma coisa
e eu, feito besta, acreditei,
Falaram pra mim
que eu teria, na terra,
vida longa de um rei.
Depois, descobri
que era verdade:
reinei sobre o nada,
comi urubu sem tempero,
sem uma pedra de sal,
numa nesga de chão.
Mas é esse o reinado
que cabe na vida
a quem preferiu
não viver de ilusão.

IMAGO

Das mil propagandas,
das eternas gincanas,
das noites insones,
das contendas insanas,
do prazer a granel,
das baladas gluttonas,
tu te avultas, deusa profana.

Teus servos e servas,
em torpor delirante,
se prostram dementes
ao teu poder opiante.

E o mundo navega
em barcas tão frágeis,
sobre ondas de fogo
que ceifam a vida
sem mais e sem menos,
em vapor escaldante.

IMORTALIDADE

De me ver tão comum,
eu creio que sou,
sem sombra de dúvida,
um ser imortal.

E mesmo que eu morra,
a vida faz outro
(aqui para nós,
jamais meu igual).

INCONSISTÊNCIA

Tique-taque internamente,
não paro de respirar
neste instante, penitente,
vendo tudo, lentamente,
se dissolvendo no ar.
A memória, impenitente,
revê tudo novamente:
uma vida costurando,
e a morte, alheamente,
num segundo, a desmanchar.

INDAGAÇÃO

Maria se foi,
o que fico
fazendo aqui?
José foi também,
o que fico
fazendo no aquém?

A essas alturas,
nada mais se inventa,
a não ser assistir
à viagem de todos
depois dos setenta.

ISENÇÃO

Que culpa tenho eu
por gostar mais de estranhos
que dos meus?

Que culpa tenho eu
por saber quem foi Paranhos
e não saber quem é Mateus?

Que culpa tenho eu,
se fiz tantas perguntas
e ninguém me respondeu?

Que culpa tenho eu
por viver no seu agora,
no tempo que não é meu?

Que culpa tenho eu
por gostar tanto de você?

Aí, quebrou o ritmo.
Não foi?

ITINERÁRIO

Para onde vou?
Sei apenas que devo ir.
Que vou fazer
neste meu viver,
de pouco dizer,
de muito escutar
e de responder?
Mais do que ir,
devo voltar,
pois preciso encontrar
um mapa da mina
que eu desenhei
para não me esquecer.



JOGADA
JURAMENTO



JOGADA

Aqui,
quem gostar de toicinho
tem de entrar na jogada,
tem de chamar porco, ioiô,
ou fazer parte da porcada.
Os amantes da gordura
despertam os afilhados,
apertam quem esteja ilhado
e aniquilam abobalhados.
Mas existem os sabidos
que fazem buracos nos muros
para não ficar empenhados.

JURAMENTO

Profundamente, eu juro,
profundamente, Senhor,
nunca mais sentir saudades
que aquela ingrata deixou.
Profundamente, prometo
a mim mesmo e ao Senhor
que este meu juramento
não tem mágoa, não tem dor.
Também confesso uma coisa:
Olhe, deixemos isso pra lá.
Deus me livre da má hora,
até mesmo de pensar...

NOVOS DIZERES



LAVRATURA
LEXICOLOGIA

LAVRATURA

Não quero saber
desse negócio
de lavrar palavra.
Há tempos deixei
a sina bendita
de lavrador.
Palavra não é chão,
nem se iguala a capim.
Brota bem de repente
da nossa consumição,
do dizer entalado
da chamada inspiração.

LEXICOLOGIA

Raciocinar, para razão;
sentir, para sentimento;
intuir, para intuição.

E para sensação,
sensacionar?

Ainda não inventaram,
não se sabe a experiência.

Então, o corpo sobrou
e foi condenado ao silêncio.

Encher os olhos do não visto,
alisar o não sentido,
sentir o gosto do esquecido,
ao inesperado, abraçar.

Escancarar os ouvidos
na escuta dos gemidos
de quem não pode falar.





MAQUIAGEM
MEDIUNISMO
METÁFORA
METALINGUAGEM
METAMORFOSE
MIM
MINIMALISMO

MAQUIAGEM

Agora inventaram
uma mania de beijo
encostando cara com cara.
Mulheres rebocam a cara
com argamassa bem cara,
calabreiam a face da gente,
deixando marcas terrosas.
Algumas até passam a mão
para tirar o reboco,
mas fica a marca de terra
grudada na face da gente.

MEDIUNISMO

Este corpo não sou eu,
nem é minha esta dor,
nem tampouco o sentimento
de finitude incolor,
que minha espécie tirana
geneticamente legou.
Não sei lidar com o Tempo,
e agora, encanecido,
meu espelho emudecido
me revela esta imagem
desbotada, engelhada,
na verdade estampada
daquilo que eu sou...



METÁFORA

Esse negócio
de falar que suspiro
bate asa igual preá
e dá mama a gavião,
uns dizem que é metáfora,
outros afirmam
que é simples ilusão.
Sei não...
Pra mim, metáfora
não passa de uma visão.

METALINGUAGEM

Metalinguagem, sim!
Meta o quê?
Meter a linguagem aonde?
É a linguagem da linguagem,
brasa viva, ardente.
Rompe estradas encalacradas
e chega à tona, trazendo
muitos pedaços da gente.

METAMORFOSE

Um passarinho de cristal
mora dentro de mim.
Costuma soltar todo dia
os seus trinados sem fim.
De vez em quando, ele gosta
de virar bicho canção,
fazendo acrobacias,
se escondendo no capim.
Se junta com lobisomem,
come fogo e arrota brasa,
mas nunca deixa de usar
o pó de pirlimpimpim.

MIM

Ser de outro planeta?

Que seja.

Ser de outro planeta?

Tenho sido

na seda

do tecido

que me teci.

Mas me puseram

em barafunda,

em bastidor,

e me teceram.

E o fio tecido,

bem torcido,

retorcido,

empretecido

em fuso antigo,

eterno pêndulo

vai e vem

vem e vai

vai e vem

vem e vai

vai e vem

vem e vai



MINIMALISMO

viver
ainda
lembrando
finados
sentimentos
infindos



NATALISMO
NÊNIA



NATALISMO

O menino chegou
com a bola do mundo
na palma da mão.
Os sábios souberam
e vieram de longe,
correndo pra ver.
Miraram o menino,
incensaram o menino,
adoraram o menino
e seguiram adiante,
retomando caminho
com devoção.
A mãe do menino,
calada no canto,
não dizia amém.
Ela sabia,
sentindo cansaíra:
no mundo dos homens,
o Feminino sagrado,
derrubado do trono,
foi embora também.
Ah, mundo, meu Deus,
sem janela, sem porta,
nem portão, nem porteira.

NÊNIA

Crepúsculo talhado
em gestos etéreos,
face tisonada,
olhares de outrora,
fica Tabocas
no canto, crispada,
lembrando oceânicas
saudades de Cora.

Há décadas distantes,
a amiga se foi,
num adeus sorrateiro,
para evitar sofrimento,
saiu de mansinho
pela porta do fundo,
mas a dor da ausência
Tabocas ainda chora.



OBSERVAÇÃO
OFERTÓRIO
OXUM

OBSERVAÇÃO

Por que estou parado
nesta décima quarta estação,
se o trem partiu
há tanto tempo?

OFERTÓRIO

Na pedra do desatino,
derramo esta libação
de sentimento desvairado,
com sangue de emoção.
Seguindo quem me ensina,
mergulho na minha alma
ingênua, boba, menina,
e ofereço um tributo,
imolando o coração.

Na ciranda deste tempo,
me transporto àquele templo,
de um encontro cheio de sim.
Mas agora, se não te agrada,
toma este meu ofertório
e atira aos leopardos
devoradores famintos,
que um dia te negarão
o que rejeitas de mim.

OXUM

Oxum vem de longe,
Oxum vem chegando,
ao som do ijexá,
Oxum vem chegando.

E dança uma dança
de ouro e amor,
de poder e riqueza,
de dengos e risos,
espelho e perfumes,
cercada de flores,
Oxum já chegou.

E as águas rolando
das cachoeiras,
a Mãe deslizando,
toda altaneira,
a bênção divina
para os filhos amados,
que nela confiam:
a Mãe já chegou.



PEDRARIA
PERDEDEIRA
PERGUNTA
PONTUAÇÃO
PREOCUPAÇÃO
PREPARATIVO

PEDRARIA

Retirei por toda a vida
as pedras de meu caminho.
Quando o tempo virou de vez,
procurei por uma delas,
nenhuma delas achei.
Em tempo de alvenaria
e colocar pedras na vala,
me vi no maior aperto,
sem pedras que me valessem.
Procurando dar um jeito,
de tanto penar, descobri:
tirei pedras do caminho,
mas juntei todas no peito.
E agora já é tarde,
isso não tem mais jeito.

PERDEDEIRA

Você até pode achar
que há muita pergunta boba.
Mas só Deus sabe o quanto
elas doem no coração
de quem precisa
saber a resposta.
Não ter resposta
é viver a toa.

PERGUNTA

A memória me diz
de ondas silentes,
praías serenas,
morrinhos enfeitados,
gente sorrindo,
capim pelas ruas.

E os olhos me mostram,
nos tempos de agora,
mares raivosos,
praías com esgoto,
morros pelados,
assaltantes na rua.

De onde vem tudo isso,
que hoje está aí?
Pergunto eu,
pergunte você:
no barro genético
usado um dia,
havia embutido
tamanho padecer?

PONTUAÇÃO

Pontua...

sim
assim
dor
ação
gente
sempre
amor

Pontua...

aí
aqui
ali
além
aquém
se pontuar
possível for

PREOCUPAÇÃO

De repente, a vertigem,
o corpo leve, querendo vencer
a gravidade:
o amor de Maria,
o pão de cada dia,
a tristeza aniquilada
pelas ondas da alegria.
Ah, viver assim:
sem estupor,
sem agonia,
sem ameaças,
sem maresia.
Será assim,
algum dia?

PREPARATIVO

Já lavei todo meu sonho,
arrumei minhas vontades,
descartei velhos desejos,
arquivei memórias vás.

Já varri aquelas dores,
desarrumei as mil mazelas,
sacudi todo rancor,
cataloguei as manhás.

Tudo ficou muito próximo,
o distante logo ali,
e chego a lembrar meu rosto
que já tiveram maçãs.



QUEIXUME
QUERENÇA
QUESTIONÁRIO

QUEIXUME

Venham todos,
venham ver
o que fizeram de mim.
Os ricos jogaram a química
de seu dinheiro infeliz
nos vales das minhas águas.
Os remediados jogaram
o seu lodo e o seu limo
nos poços dos meus amores.
Os pobres, na sua fome,
me vestiram de sacolas
no plástico das esmolas,
com farrapos de bandeirolas.
E todos juntos, agora,
vivem torcendo o nariz
para seus próprios cheiros,
no seu descaso sem fim.
E aliviando suas dores,
colocam a culpa em mim.

QUERENÇA

Não disse nada,
não falou nada,
nada quis.
Se quem bem nada
não se afoga,
querendo nada
é o menor risco
no caminho difícil,
para ser feliz?

QUESTIONÁRIO

Qual a cor
da alma magoada?
Qual o cheiro
da dúvida conservada?
Qual o gosto
da palavra ressentida?
Quanto pesa
a memória empedrada?
Qual o tempo decorrido
no evento revivido?
Qual a fundura
do rombo aberto
no sentimento inquieto
da pessoa rejeitada?



REGIME
REJEIÇÃO
RELACIONAMENTO
RETORNO

REGIME

A moça da clínica
lhe vampiriza
e seus indicadores
o exame de sangue
mostra sem dó.
Daí em diante,
sua vida depende
do oráculo cruel
na voz dos doutores.

Não coma isso,
não beba aquilo,
abomine o sabor,
se esqueça pra sempre
do bom paladar.
Caminhe todo dia,
bons exercícios
e não faça nada
que lhe conspurque,
oito horas de sono
sem se estressar.

Aprenda a resposta,
um belíssimo truque.
Numa frase travessa,
com letras às avessas,
diga alto e em bom som:
Av ramot on uc!

REJEIÇÃO

Era uma vez a terra
e a terra sempre girou
e gerou até se fartar.
E na fartura da terra,
eu fui gerado também,
para na terra habitar.

Era uma vez a terra,
e a terra olhou para mim
e desatou a sorrir
do artesanato que gerou.
Depois, me rejeitou de repente,
me deu de presente ao tempo
para a vida se distrair.

Era uma vez a terra,
e a terra foi ao tempo,
pediu sua prenda de volta.
Mas o tempo tinha passado,
o brinquedo estava quebrado,
com o tempo envelhecido.

Era uma vez o tempo,
o tempo todo calado,
e a terra se revoltou.
Mas o tempo esbravejando,
decidiu à revelia:
Eu vou matar, mas não dou,
pois não estou nem aí.
Se ela quiser de volta,
fique com o seu barro,
que eu pouco se me dou.

RELACIONAMENTO

Se encontraram de repente
e logo, logo, já estavam
feito loucos se amando,
num abrir e fechar de olhos.
Rua acima, rua abaixo,
não desgrudavam um do outro.
No mesmo de repente,
desistiram do encontro
e de tanto fazer amor,
terminaram fazendo ódio.

RETORNO

O que meus mares uivantes
estão fazendo de mim?
Marinheiro de águas rasas,
navegando entre rochedos,
vou tentando descobrir.
E quando o universo inspirar,
tudo vai se encolher,
num *big-bang* às avessas,
num silêncio pavoroso,
até tudo se extinguir.
Mas me anima saber:
tudo volta a explodir,
e mais uma vez renascer.



SAGITÁRIO
SEGURANÇA
SENTENÇA
SIMPLICIDADE
SINETE
SONHADEIRA

SAGITÁRIO

Arqueiro enlouquecido,
Sagitário desvairado,
atirando suas flechas
em pontos almejados.
Saraivada endoidecida
de dardos espalhados
e os alvos vão caindo
pelo chão tão espaçado.

Vai catando suas flechas
depois de atiradas,
vai juntando pelos ares,
percorrendo os sete mares,
ampliando seus domínios.

Depois, fica com raiva
de quem não quis lhe seguir
na escalada de seus montes.
Sua estrada só tem subida;
seu caminho não tem declínio.

SEGURANÇA

Porto Seguro
do navegador português,
seguro de quê?

O banco cobrando
pra guardar meu dinheiro
sem eu escolher.

Meliante na rua
querendo meu sangue
a seu bel prazer.

Imposto escorchante,
governo escrachante,
fingindo o poder.

Poderosos corruptos,
da cara lambida,
dá nojo de ver.

Onde o navegante
viu essa segurança,
quando aportou?

Quebra o ritmo, gente...



SENTENÇA

Enquanto moço, vivi
com a Mãe África calada,
adormecida em mim.
Um dia, mãe acordou
e disse a palavra primeira:
Vai!

Depois gritou alto
um grito, uma ordem
com cheiro de céu,
com gosto de mato,
com visgo de terra,
com um tom de caminho,
com força de mar,
com semente de pedra,
com afago materno,
com amor e carinho.

Depois outra ordem:
Grita também,
até o céu responder!
Para minha surpresa,
a resposta foi clara,
e o céu disse a mim:
Vou morar com você!

SIMPLICIDADE

Quero a palavra
que todo mundo
conheça e saiba
o que ela disser.
Quem quer dizer
jamais complica.
E quem complicar
nem mesmo sabe
da vida o que quer.

SINETE

O registro da memória
corre o risco de apagar.
Fica, então, o esquecimento,
muleta mal ajambrada
que ajuda a capengar.
Mas as imagens coloridas
e o sonhado não vivido
não se pode arquivar.

SONHADEIRA

Sonhos renitentes
teimam morar em mim.
Muitos saíram
e se dissiparam por aí.
Tive outros? Sim...
Viraram utopias
e se foram para sempre,
cansados do não,
em busca do sim.
Ainda houve aqueles,
ilegais, aventureiros,
se fizeram alvenarias
e hoje marcam as fronteiras
da boca da noite
no final dos dias.
Têm gosto de sal,
amargo absinto,
fel que mói.
E por sinal,
dói porque dói
assim, assim...



TABOCAS
TAURINO
TEMPORAL
TESTAMENTO
TOC
TRAIÇÃO
TRILOGIA

TABOCAS

Vozes silenciadas, de repente
tomam corpos emprestados
e quem não empresta é sequestrado.
Falsos surdos se assustam e se convocam,
espiando para fora das conchas seculares.

Um suspiro? Psiu!
Um ai? Lugar de doente é no hospital...
Um grito? Chama a polícia!
Um urro? Mataram mais um desavisado...

E derreando-se em nichos de luxúria,
se diverte uma lua juliana,
deixando Tabocas dormir
com aviso repaginado.

TAURINO

Quero te abraçar,
minha mãe, minha terra, meu planeta,
mas você é maior do que eu,
mãe desatinada no espaço,
carregando no eterno dorso
a cria toda manhosa
que não quer ser desmamada.

Parece até outra terra
que trago dentro de mim,
imensa imensamente,
imensamente imensa,
me impulsiona na tangente.
Mas a essa outra jaz em mim,
e ainda que eu não queira
eu abraço até o fim.

TEMPORAL

Linhas finas, verticais,
fios de lúcidos cristais
se esbatem nas vidraças
e banham os arvoredos.

As janelas rangem,
o verde geme.

A terra saciada
deixa o suor escorrer.

Em casa há pão,
emprego e salário.

E no coração,
há o quê?

TESTAMENTO

Essas coisas que são minhas,
essa gente que eu conheço,
esse chão que me acolheu,
tudo isso é luz e glória
que essa terra me deu.

Que posso eu lhe fazer
como sinal de respeito,
de meu grato reconhecer
e penhor da gratidão?

Já lhe dei os meus escritos,
já lhe dei o meu espírito,
já lhe dei o meu fazer.
Já lhe dei os meus ensinamentos,
já lhe dei monte de filhos,
já lhe dei o meu viver.

Agora, lhe dou também
os frutos da minha ceifa
brotados do meu empenho
de ter escolhido você.

TOC

Toc, toc, toc!
Tocaram em mim
e eu me exasperei
nas quatro quinas
do meu mundo.

Olho, vejo, ouço,
certifico:
a coisa está lá,
tem cabeça,
tronco e membros
e não para de falar.

Tão concreta e tão real
e dizem que só eu vejo.
Por que eu vejo, então?
As maçanetas estão sujas,
os livros desorganizados,
tudo é imperfeição.

Quem quiser que fique aí,
com seu glaucoma fatal,
catarata nos dois olhos,
perdendo toda a visão.

Posso ver o que os outros
não conseguem enxergar.
Distingo a noite do dia
e quando dou a informação,
não acreditam em mim
e dizem que é mania.
Não importa: só saio de casa
com o pé direito
e dou uma volta inteira
ao redor do quarteirão.

TRAIÇÃO

E você não sabia?
Foi-se embora é de hoje...
Se expulsou sem honraria,
e por lá, seja feliz,
sem ponto final e sem fim.
Sem lembrar nenhum de nós,
que tire a sorte grande
e no auge de sua riqueza,
se esqueça pra sempre de mim.

TRILOGIA

Apolo informou
nunca mais voltaria.
Aí, inventaram a cirurgia,
cortando,
remendando,
tirando,
botando,
costurando,
aliviando,
provisoriamente.

Jesus Cristo prometeu
que um dia vai voltar.
Aí, o povo morre de medo
de esse dia chegar.

O africano veio a pulso,
mas chegou para dizer
que o céu e o inferno
moram dentro de você.
Aí, não quiseram aceitar.



UPLOAD
URDIDURA

UPLOAD

Quando a gente
vai embora
deste mundo louco,
apenas enterram
um inerte corpo,
agora apenas
um corpo oco.

O que fica aqui?
O gesto amigo
ou o soco;
o riso largo
ou o choro rouco,
sementes plantadas
na vida do outro.

URDIDURA

Saber em pedaços,
em tiras e fatias,
pedaços de coisas,
tudo coisinha.

Mundo de traços,
entre muitos espaços,
de buracos sombrios,
desencontro de linhas.

Saber daqui,
saber dali,
saber dacolá,
saber daquém,
saber sei lá
das coisas contidas
nos pedacinhos:
ninguém adivinha.



VERBETE
VEREDITO
VISÃO



VERBETE

Talioso não existe,
ainda não inventaram,
os sabidos não usaram
e povo nem desconfia.
Sua alma é portuguesa,
seu sentido é brasileiro,
o seu uso ignorado,
uma nau sem artemão.

Muita gente é *taliosa*
na agonia da vida,
igual a casa sem eira
e a telhado sem beira,
um carro na contramão.

Somente os poetas sabem
talioso o que é,
pois é uma gente danada
a inventar palavras novas,
que encontramos no porão
de nossa arca de Noé.

VEREDITO

A batalha pela vida
dá vida a própria vida.
Mas são muitos os sofredores
que alargam suas dores,
magoam as próprias feridas.
Mas a última batalha,
todos são sabedores,
há muito está perdida,
pouco importa todo esforço
em recuadas e investidas.

VISÃO

A vida
nos fita,
e fitamos
a vida.
Estamos fitos
e fritos estamos.

Caminhos,
torvelinhos,
no desalinho
da fita da vida.

A vida tem fita,
mas a fita da vida
nem sempre tem vida.
E a fita desbota
quando vamos da vida.



XENOFOBIA
XODÓ

XENOFOBIA

O famoso Papai do Céu,
hoje, mandou me dizer
que entre tanta gente
eu escolhesse você.

Nos tempos de antigamente,
se chamava vossamercê.
Mas o tempo foi passando
e passaram a vossemercê.
Depois encolheram mais
e ficou apenas vosmecê.
Não se deram por satisfeitos
e lhe chamaram você.
Presentemente, se vê
ocê junto com cê,
e vai desaparecendo você.

E eu? Como ficarei
sem esta outra pessoa
que me ajuda a viver?
Sem meu espelho, minha foto,
com quem costumo aprender?
Não ter a outra pessoa
que me adianta viver?

XODÓ

O peito vive de fora,
vamos saber do peito.
O peito se esconde por dentro,
vamos abrir o peito.
O peito pende do peito,
vamos olhar o peito.
O peito guarda preceito,
vamos nos dar ao respeito.
O peito tem preconceito,
vamos lavar o peito.
E como não somos corruptos,
não vamos mamar no peito.



ZARANZA
ZÊNITE
ZONZEIRA
ZUMBAIA

ZARANZA

Lelelê, lelelê, lelelê!

(vê se dorme)

Lalalá, lalalá, lalalá!

(vê se dorme)

A luz foi embora

(vê se dorme).

A luz voltou

(vê se dorme).

Cadê o trem da história?

Vê se acorda,

escuta o grito.

Vê a corda,

balançando no galho:

teu pescoço corre perigo.

ZÊNITE

Há um roxo velório
no amanhecer,
há um cristal pardacento
no dia imposto,
há um cinza crustáceo
no por do sol.
A marca de ferro
vermelho, em brasa:
nascer pra morrer.
Mas ao meio dia,
a vida ensina
que tudo depende
do modo de ver.

ZONZEIRA

Vertigem, tonteira,
desfalecimento,
uma baita tontura,
quando te via.
Depois, o sol e a lua
passaram no céu,
mudança de casa,
mudança de rua,
mudança do tempo,
mudanças em mim.
E graças a Deus,
na vida da gente,
tudo tem fim.

ZUMBAIA

Minha reverência
é pura verdade,
brota do peito
em agradecimento,
e de densa alegria
por poder encontrar
a quem devo amizade,
pois me vê e me ouve,
não me esquece um só dia.

Sentir, sinta que lê!
Fernando Pessoa

DICIONÁRIO DO DICIONÁRIO

Barravento. No candomblé, estado de estonteamento que precede a posse da filha ou filho de santo pelo orixá, caracterizado por transe com movimentos descoordenados, agitação, tremores.

Democratura. Termo popularmente usado para designar uma democracia meramente aparente.

Facécia. Dito chistoso; chacota, gracejo, pilhéria.

Hierofania. Aparecimento ou manifestação reveladora do sagrado.

Hilomorfismo. Doutrina do filósofo judeu Avicbron (1020-1069) que, inspirada em conceitos aristotélicos, afirma a existência de dois princípios básicos e complementares, a matéria e a forma, constituindo todos os seres da realidade, de tal maneira que até mesmo a substância espiritual, a alma, possuiria ambos os aspectos; hilemorfismo. Tal doutrina foi bastante debatida e difundida pela filosofia escolástica.

Imago. Imagem, representação, retrato (pictórico, escultórico, plástico, verbal).

Lexicologia. Parte da Linguística que estuda o vocábulo quanto ao seu significado, constituição mórfica e variações flexionais, sua classificação formal ou semântica em relação a outros vocábulos da mesma língua, ou comparados com os de outra língua, em perspectiva sincrônica ou diacrônica.

Metalinguagem. Linguagem (natural ou formalizada) que serve para descrever ou falar sobre outra linguagem, natural ou artificial.

Minimalismo. Tendência para simplificação e redução dos elementos constitutivos de algo; princípio de reduzir ao mínimo o emprego de elementos ou recursos.

Nênia. Canto fúnebre, versos em honra de um morto.

Querença. Manifestação de vontade, convicção, ardor.

Sinete. Utensílio com assinatura, monograma ou divisa gravada em alto ou baixo-relevo e que se usa para imprimir em lacre, cera, papel etc.

Tabocas. Nome da vila que deu início à cidade de Itabuna.

TOC. Transtorno obsessivo compulsivo.

Upload. Ato de enviar uma informação, gerando um arquivo, para um computador remoto.

Urdidura. Ato ou efeito de urdir; conjunto de fios dispostos longitudinalmente no tear e pelos quais passa o fio da trama.

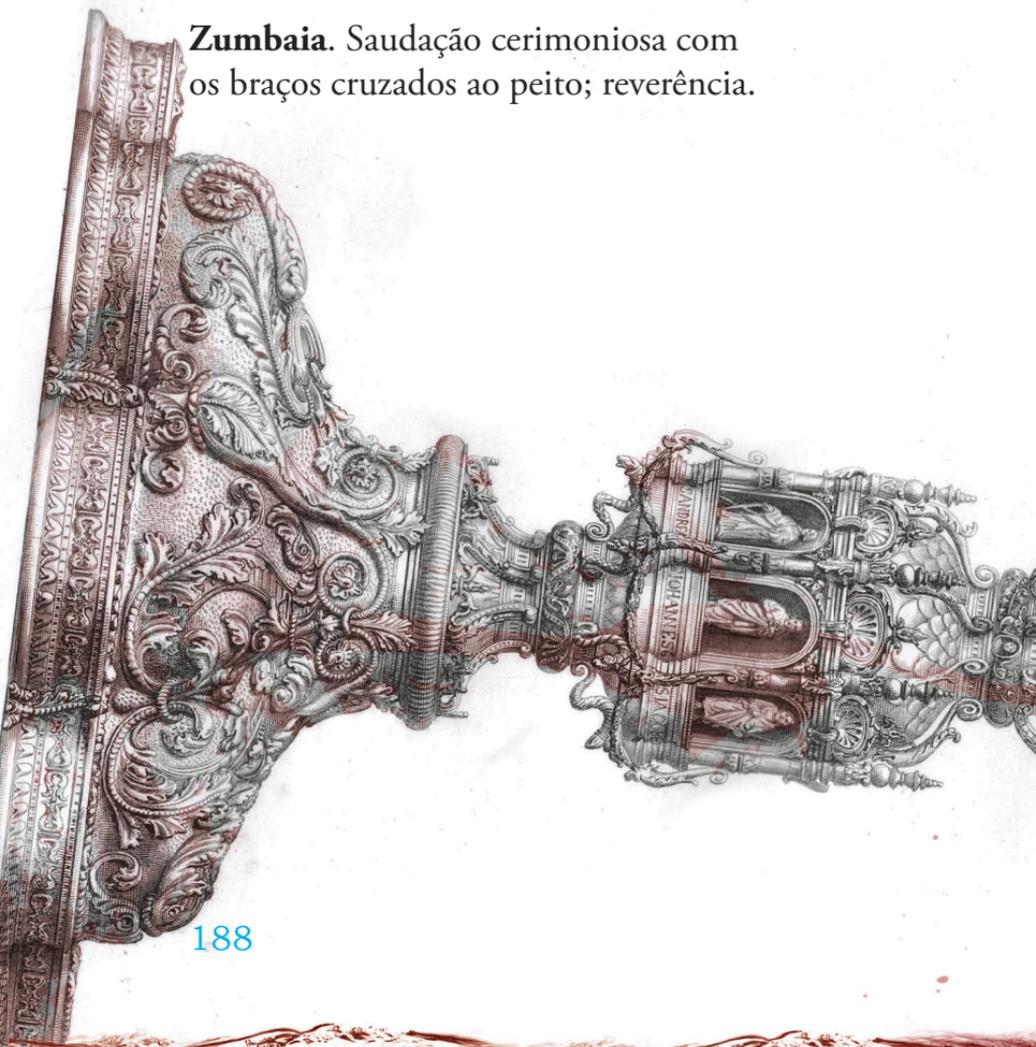
Xenofobia. Desconfiança, temor ou antipatia por pessoas estranhas ao meio daquele que as ajuíza, ou pelo que é incomum ou vem de fora do país; xenofobismo; preconceito.

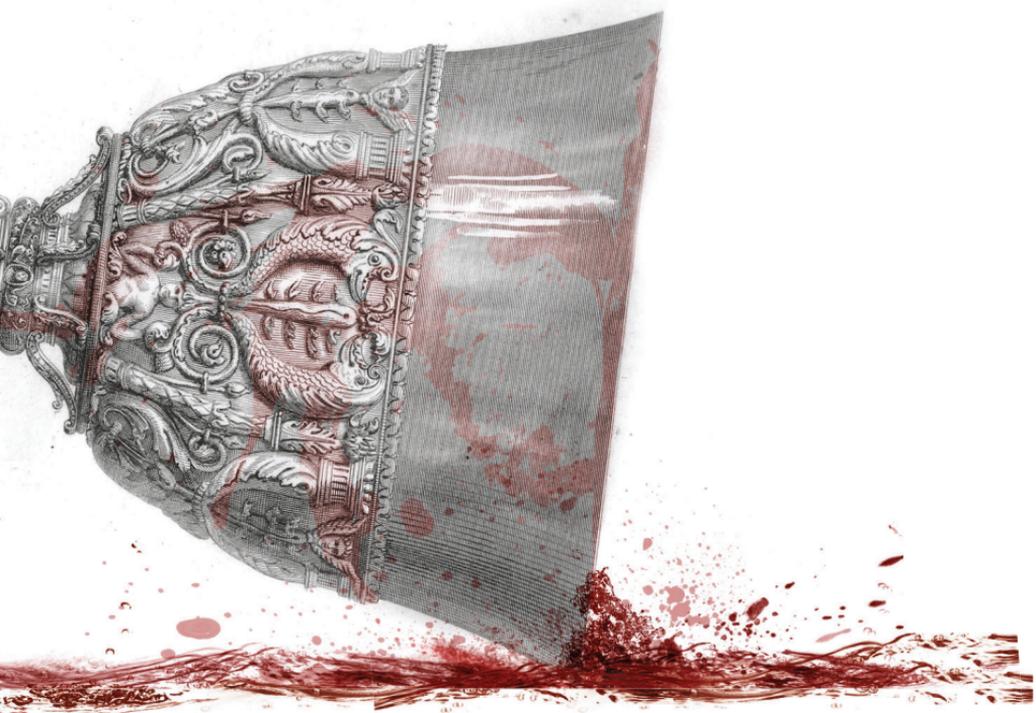
Zaranza. Fora de si, de suas faculdades mentais; incapaz de ligar ideias ou de saber o que faz; atrapalhado.

Zênite. Ponto da esfera celeste diretamente oposto ao *nadir*, que se situa na vertical do observador, sobre a sua cabeça.

Zonzeira. Estado, condição ou sensação de quem está zonzo, tonto, de quem tem vertigem; tonteira, tontura; sensação de desfalecimento, desmaio, fraqueza ou atordoamento.

Zumbaia. Saudação cerimoniosa com os braços cruzados ao peito; reverência.





IMAGO

Das mil propagandas,
das eternas gincanas,
das noites insones,
das contendas insanas,
do prazer a granel,
das baladas gluttonas,
tu te avultas, deusa profana.

Teus servos e servas,
em torpor delirante,
se protram dementes
ao teu poder opiante.

E o mundo navega
em barcas tão frágeis,
sobre ondas de fogo
que ceifam a vida
sem mais e sem menos,
em vapor escaldante.



ISBN: 978-85-7455-418-1



9 788574 554181